

Betty Milan

O SÉCULO
(entrevistas)

SUMÁRIO

Prefácio

O século das mulheres, *por Alain Mangin* 9

A CIDADE

Paul Virilio 21

A GUERRA

Pierre-Marie Gallois 39

A TERRA

Pierre Gourou 59

O DESTERRO

Gérard Chaliand 73

A VIDA

François Jacob 93

AS MULHERES

Michèle Sarde 109

O SEXO

Catherine Millot 131

A LÍNGUA

Claude Hagège 147

A ARTE

Georges Mathieu 159

A COMUNICAÇÃO

Dominique Wolton 181

Agradecimentos 195

Notas 197

Fontes 240

O SÉCULO DAS MULHERES

*Quero o discurso que dá o primeiro tiro
quando existe a maior das dúvidas.*

MONTAIGNE

Este século, o vigésimo, foi o nosso. Nasceu e morreu, em pleno dia, do choque dos impérios. Marcado por um relógio implacável – o tiquetaque da morte –, como se a corda tivesse sido estirada para amplificar a onda criminosa desde sua primeira vibração. E, para ser ainda mais violento, o século – como um artilheiro comprimindo dinamite numa exígua câmara de explosão – foi curto: setenta e sete anos. Saiu armado dos canhões do *Kaiser* no dia 28 de julho de 1914 e, no dia 21 de dezembro de 1991, foi atirado por Gorbatchev numa cova em Alma Ata, na Ásia ⁽¹⁾.

É este século que Betty Milan investiga, valendo-se da entrevista – método em que ela se exercita de maneira exemplar, por não rivalizar com o entrevistado e construir com ele um diálogo esclarecido. Os temas do livro são dez: A CIDADE, A GUERRA, A TERRA, O DESTERRO, A VIDA, AS MULHERES, O SEXO, A LÍNGUA, A ARTE e A COMUNICAÇÃO.

Esta variedade temática faz pensar na frase de Montesquieu: “Minha alma a tudo se entrega”. Só que, para sustentar a curiosidade, é preciso uma cultura sólida, que alie as ciências duras às ciências humanas e à estética. À sua maneira, a autora coloca em prática o que, segundo um dos seus interlocutores, Pierre Gourou, será o traço distintivo do próximo século: *a palavra registrada*. Por que, aliás, ter escrito *o próximo* se nós já estamos nele? Mas não nos enganemos, a autora é por demais escritora para ignorar que essa palavra registrada não tem como entrar num livro, desafiar a corrosão do tempo, se não for estilizada. É o que ela faz, sem nunca trair o pensamento do entrevistado.

O feito é tanto maior se considerarmos que todos os diálogos ocorreram em francês. O fato de Betty Milan morar em Paris não deixa de ser uma explicação, mas é incompleta. A França apresentava a vantagem de ter estado no centro do turbilhão, de ser o vencedor e o vencido. Com

vinte anos de intervalo ⁽²⁾, tanto conheceu a vertigem da vitória quanto a humilhação da derrota. Nisso, está mais próxima da Alemanha – com a abjeção a menos – do que da Inglaterra, que, aliás, só se manteve à beira do abismo por causa de um homem, Winston Churchill. E há quem diga que a história se faz sem eles!

A Alemanha e a Inglaterra, por razões que lhes são próprias, bem como a Itália, poderiam ter servido aos propósitos da entrevistadora. Já é mais difícil imaginá-la nos Estados Unidos, porque o papel desse país – ao contrário dos outros – não se define pelo “sentimento trágico da vida”, para retomar a fórmula de Miguel de Unamuno ⁽³⁾.

A França bem sabe como é frágil a alegria de viver. Sabe que os 14 de julho ⁽⁴⁾ derrapam no sangue da guilhotina. Que, em vez do trigo, o belo verão de 1914 ⁽⁵⁾ ceifou a juventude europeia nos campos onde ela caía. Claro que a França não pode se entregar ao otimismo. E como poderia, se pensarmos que o novo século, o vigésimo primeiro, já começa com o massacre da ex-Iugoslávia, os genocídios da África Oriental, a interdição feita pelos talibãs às afegãs, proibidas – como diz Michèle Sarde – de se tratar nos hospitais do país? Não é por acaso que o pintor Georges Mathieu se declara otimista, mas logo qualifica de desesperado o seu otimismo. A pirueta metafísica a ninguém engana.

A entrevistadora se ocupou dos francófonos porque domina o código deles e, conseqüentemente, é capaz de fazer perguntas mais agudas e espontâneas. E a razão da escolha de cada um dos seus interlocutores qual é? Como todo verdadeiro escritor, a autora é sensível à palavra, à elegância do discurso, à sua consistência íntima, às inflexões da voz, em suma, à tessitura secreta do ser. Não foi o sucesso midiático que a levou a eleger um ou outro entrevistado. Alguns são frequentemente vistos nas telas da televisão francesa. Outros, nem tanto. Seja como for, as entrevistas nos fazem adivinhar o quanto eles e Betty Milan gostaram do encontro. Acho que ela faria suas as palavras de Montaigne (1533-1592): “... é bom aprender o teórico com os que conhecem a prática”.

Last but not least, ainda outro elemento determinou as escolhas da autora: a capacidade que o entrevistado tinha de ultrapassar o quadro nacional, e o europeu, para nos descortinar o mundo e fazer ver o universal. Nenhuma consideração neste livro sobre a “civilização industrial”, ou o irrisório “pós-moderno” – uma *catchword*, como diriam os anglófonos –, ou ainda a “periferia”. Os Estados Unidos seriam periféricos sob pretexto de que um partido de devotos – em ruptura com o catolicismo há 400 anos – confunde o fórum e o confessional, o público e o privado? E a França da Terceira Re-

pública (1870-1940) seria periférica por ter recusado o direito de voto às suas cidadãs? Elas só o obtiveram em 1945, e foi um general de direita, de Gaulle, quem acabou com o preconceito. As brasileiras – para não falar das neozelandesas ⁽⁶⁾ – já o exerciam há muito tempo. Mas sejamos tolerantes e raciocinemos pelo absurdo. Quem quiser manter a noção de periferia deve pensá-la de outra maneira e considerar que, no arco-íris das nações e das culturas, cada uma, mais cedo ou mais tarde, será chamada de periférica. O mundo é um círculo cujo centro está em todo lugar – e a circunferência em parte alguma, como dizia Pascal (1623-1662). Ou, citando Michèle Sarde: “O espírito paira em todo lugar”.

Nenhum dos interlocutores presentes neste livro precisou esperar a globalização – noção exclusivamente mercantil – para descobrir a prisão em que vivemos. Dominique Wolton e Claude Hagège, por exemplo, mostram os limites da identidade e os fins clandestinos da globalização. Gourou nos leva para os trópicos da Ásia e da América e se preocupa com a diminuição do campesinato, que, no longo prazo, poderá provocar a fome no mundo. O urbanista Virilio constata a existência de uma terceiromundialização das cidades do planeta, as revoltas urbanas que a ela se seguem e se propagam por “procuração televisiva”. O general Gallois está interessado no desequilíbrio geo-

estratégico da Ásia, nas aberrações geopolíticas da África Negra; enquanto Gérard Chaliand, cuja família só escapou por milagre do genocídio armênio, sublinha os limites da mestiçagem das imigrações contemporâneas. Gourou e Virilio, Gallois e Chaliand já marcam com uma cruz vermelha no mapa-múndi os campos de batalha do futuro.

Os outros entrevistados têm a mesma preocupação com o universal. No caso de alguns, isso é evidente: a psicanalista Catherine Millot, que compara a sexualidade aos partidos totalitários; o geneticista e Prêmio Nobel de Medicina François Jacob, cuja disciplina está a serviço dos mecanismos universais da vida; o linguista Claude Hagège, que vive como um drama a desapareição de uma língua, por saber que qualquer dialeto é uma estilização insubstituível do mundo. Milita na entrevista pelo trilinguismo, considerando que o inglês deve ser a terceira língua – é, aliás, apaixonante descobrir o porquê. Dominique Wolton é por demais discreto para insistir que a vida é comunicação e esta será a questão central do século XXI. Michèle Sarde nos introduz no combate das mulheres, na aventura da outra metade da humanidade. Pena que a entrevista não seja mais longa. No caso do pintor Georges Mathieu, o universal é óbvio, ainda que sua arte seja mais reconhecida na Ásia e nas Américas do que na França.

Todos esses autores se preocupam com o universal, porque são filhos de Montaigne, o mais moderno dos francófonos, o escritor que já no século XVI – o das guerras de religião – se instruíra com os índios brasileiros de passagem pelos portos franceses e neles encontrava uma sabedoria nova. Betty Milan, invertendo a situação, interroga os franceses sobre o país dela, o Brasil. Seremos nós tão sábios quanto esses longínquos ancestrais das florestas da Amazônia? Sabe-se lá...

Os interlocutores deste livro conhecem o Brasil. Diretamente, como Gourou e Mathieu, ou através de leitura. E a entrevistadora, que não confunde nacionalismo com patriotismo – por conhecer bem as consequências desastrosas do primeiro e por saber que o segundo se sustenta na memória criadora, e não nas cristações de identidade –, faz sem ufanismo e sem subserviência as perguntas que são importantes para ela.

Os entrevistados respondem confessando às vezes os limites do seu conhecimento, mas nenhum nos deixa indiferentes, porque nenhum é complacente, mesmo quando se deixa levar por um entusiasmo pelo Brasil – Mathieu e o barroco brasileiro ou ainda Wolton, que detecta nos compatriotas de Betty Milan um senso agudo da comunicação. Talvez isso seja devido à sociedade multirracial e às suas

complexidades, à capacidade do povo brasileiro – mais do que a de suas elites – de oferecer ao mundo uma imagem arrebatedora. A Ásia poderia tomar o Brasil como exemplo.

Não há só elogios nas entrevistas, há críticas também. Gourou contesta o objetivo de fazer da Amazônia um prolongamento industrial e agrícola de um país sem fim. Por outro lado, volta-se contra a ideia de que a Amazônia seja o pulmão da Terra, quando na verdade o clima do planeta é determinado pela distribuição das massas oceânicas. Gallois é reservado sobre a assinatura pelo governo brasileiro do Tratado de Tlatelolco ⁽⁷⁾, interditando a construção das armas nucleares na América Latina. De que será feito o amanhã?, pergunta-se ele. Regozija-se, no entanto, com a sabedoria do Brasil, que, ao contrário da França e da Argentina, não esposou as teses da coalizão anti-iraquiana. Assim vêm e vão as questões e as respostas, tão pertinentes quanto inesperadas. Aparece, através disso, o interesse dos franceses pelo que o Brasil poderia ter sido no século XVI, uma França Equinocial ⁽⁸⁾, não fosse o gosto pela disputa teológica – ou, como nós hoje diríamos, disputa ideológica.

Já que estamos considerando os acordos e os desacordos, autorizo-me aqui a opinar uma única vez sobre uma das entrevistas: a de Claude Hagège. Betty Milan pergunta se ele distingue os bilíngues dos biculturais. A resposta do

professor do Collège de France é sentenciosa: “Quem diz bilíngue diz bicultural”. Será isso verdade? Podemos aprender uma outra língua, saber até o dicionário de cor. Daí a ser bicultural, compreender verdadeiramente o Outro, os seus meandros secretos, há uma grande distância. Lawrence da Arábia ⁽⁹⁾ escreveu um texto luminoso sobre este tema. Seja como for, a minha geração sabe que a França foi martirizada durante cinco anos por oficiais nazistas bilíngues. Obviamente, eles não eram biculturais!

Este século, que alguns chamaram de “era das tiranias” – o século de Hitler (1889-1945) e de Stálin (1878-1953), de Mao (1893-1976) e Pol Pot (1925 ou 1928-1998) –, será ele negativo a ponto de dizermos que foi o dos assassinos? Diríamos que sim, não fosse a revolução feminista pacífica – uma das únicas desde o neolítico a não merecer a palavra *horror*.

O homem sendo uma causa perdida, resta a mulher. Restam as mulheres. É delas que nos fala Michèle Sarde numa entrevista tão densa quanto sutil. O interesse do leitor é aí ativado pela cultura cosmopolita da interlocutora. Ela nos oferece comparações interessantes entre os diferentes feminismos que renovam o mundo ocidental – a “Declaração dos Direitos da Mulher” de Olympe de Gouges, que foi guilhotinada; o feminismo das sufragistas inglesas, que apontaram como é ridícula a sociedade masculina impla-

cável; e o das americanas, frequentemente tão exacerbadas que morreriam pela causa.

Sendo a natureza humana o que é, as mulheres irão salvar o mundo, como imaginava André Breton? Já seria ótimo se o tornassem mais moderado. E, para chegar a tanto, não precisariam elas renunciar à figura do duplo masculino e assumir triunfalmente o feminino único? A própria emancipação poderia ajudá-las nisso. Senão, a lei de ferro do poder, cujos mecanismos são eternos – a duplicidade e a chantagem, o cinismo e a violência –, as esmagará.

Michèle Sarde atribui à mulher uma aptidão para negociar e diz que são menos agressivas do que o homem. Por que não valorizar este *menos*, a diferença entre elas e nós?

ALAIN MANGIN

A VIDA

FRANÇOIS JACOB

François Jacob nasceu em 1920 na cidade de Nancy. Em junho de 1940, no segundo ano da Faculdade de Medicina – que ele cursava para se tornar cirurgião –, alistou-se nas forças livres da França ⁽³²⁾. Quatro anos depois, foi gravemente ferido na Normandia. Terminada a guerra, recebeu a Grande Cruz da Legião de Honra e voltou ao curso médico, embora não pudesse mais se especializar em cirurgia, como queria. Em 1950, ingressou no Instituto Pasteur, no serviço do professor André Lwoff (1902-1994), e, passados quinze anos, recebeu o Prêmio Nobel pela contribuição ao estudo do código genético e a descoberta do RNA mensageiro, juntamente com seu mestre Lwoff e o bioquímico Jacques Monod (1910-1976). É autor do livro *A lógica da vida. Uma história da hereditariedade*, lançado na França em 1970 e publicado no Brasil, assim como *O rato, a mosca e o homem*. De

1982 a 1988, foi presidente do Conselho de Administração do Instituto Pasteur, do qual é professor emérito, título igual ao que tem no Collège de France.

A ciência e a ideologia

Betty Milan: O senhor começou os estudos de medicina com a intenção de ser cirurgião. Interrompeu-os para se alistar na Resistência, nas Forças Francesas Livres, as de Charles de Gaulle. Depois da guerra, se tornou geneticista em vez de cirurgião. Por quê?

François Jacob: Fui gravemente ferido e já não havia como me dedicar à cirurgia. Tenho um braço e uma perna defeituosos. Quando voltei para a faculdade, quis trabalhar só como médico interno. Eles não aceitaram. Fiquei tão desgostoso que resolvi fazer outras coisas. Fiz um pouco de jornalismo, de cinema... No fim, me decidi pela pesquisa genética. O que ocorria na União Soviética interferiu na minha decisão, o lissenkismo. Como você sabe, para Lyssenko ⁽³³⁾, a noção de espécie era uma ideia burguesa. Fez lá umas experiências, que permitiram transformar uma espécie noutra e de-

pois se valeu delas para atacar a genética. Esta, segundo ele, era incompatível com o materialismo dialético. Conseguiu convencer o Comitê Central e o Estado soviético inteiro. Por causa de Lyssenko, muitos geneticistas russos foram deportados para a Sibéria e morreram. Era um charlatão, mas também na França, e em vários países da Europa ocidental, as ideias dele foram sustentadas pelos comunistas...

BM: O senhor então escolheu a genética também para se opor à intolerância...

JACOB: Sim, porque achava incrível que, na metade do século XX, fosse possível rejeitar trinta anos de uma ciência sólida e até condenar as pessoas à morte...

BM: Nós estamos no fim do milênio e, embora a noção de raça tenha desaparecido do vocabulário científico, ela continua a ser usada pelos que querem encontrar um fundamento biológico para diferenças culturais. Seria possível explicar por que os cientistas desautorizaram a noção de raça?

JACOB: No século XIX, quando começaram a falar de raça, diziam que havia quatro ou cinco raças; depois, passaram para nove ou doze; e, finalmente, para 65. Quanto mais características a gente estuda, mais raças encontra. Por isso, os biólogos já não falam em raça, e sim em população.

Trabalham comparando a diversidade dos caracteres, que é tão grande no interior de uma mesma população quanto entre duas populações diferentes. O conceito que tem valor operatório é o de espécie, que permite saber se os seres podem ou não se acasalar e engendrar. O de raça não tem valor operatório. O Brasil é, aliás, um ótimo exemplo da maneira como os caracteres se diluem... Em 1995, estive no Rio de Janeiro para as cerimônias do centenário de morte de Pasteur. E inclusive assisti ao Carnaval.

A ciência e a arte

BM: O senhor diz que a ciência, como a arte, é uma das grandes aventuras da humanidade. O que há de comum entre o cientista e o artista? E o que há de diferente?

JACOB: O que existe de comum é o fato de que no começo de tudo há um esforço de imaginação. Dele tanto depende a ciência quanto a poesia, só que o cientista é obrigado a confrontar a realidade imaginada com a realidade em si, enquanto o poeta pode fazer qualquer coisa. A diferença está em que na ciência existe um progresso contínuo. As descobertas de Newton foram superadas pelas de Einstein. A biologia do sé-

culo XIX é menos boa do que a de hoje, que, por sua vez, será menos boa do que a do próximo século. Na ciência, a gente é determinada pela ideia do progresso, está certa de que faz coisas mais avançadas do que os outros fizeram. Já na arte não faz sentido algum falar em progresso. A escultura da Grécia clássica ou do Egito não é menos boa do que a escultura moderna. Picasso não é melhor do que um pintor do século passado...

Os sucessos do Instituto Pasteur

BM: Verdade... Gostaria que nos detivéssemos na ciência. No século passado, Pasteur revolucionou a medicina com a crítica da Teoria da Geração Espontânea. Depois, os alunos dele descobriram a vacina contra a tuberculose, a BCG. A biologia molecular, de que o senhor é um dos principais expoentes, desenvolveu-se no Instituto Pasteur. O vírus da Aids também foi isolado aí por Montagnier. Como explicar essa tradição de sucesso científico?

JACOB: Há vários fatores. Um deles é a maleabilidade do Instituto. Quando Pasteur encontrou a vacina contra a raiva e a Academia de Ciências o instigou a criar um Instituto, ele não quis que este se ligasse à universidade. Porque havia sido

reitor e conhecia os empecilhos. Criou uma instituição privada capaz de se autofinanciar, produzir vacinas e vendê-las para pagar a pesquisa. A maleabilidade do Instituto Pasteur permitiu que respondêssemos com rapidez aos imperativos da pesquisa, que a biologia molecular se desenvolvesse e o vírus da Aids fosse isolado... Até o fim da guerra, o Instituto pôde financiar a pesquisa com a venda das vacinas. Depois, passou a receber do Estado uma parte dos recursos. Isso por não ter conseguido industrializar os antibióticos.

BM: A primeira parte do século foi dominada pela física; a segunda, pela biologia. Quais as principais descobertas da biologia no século XX?

JACOB: No começo do século, a gente sequer conhecia os genes. A genética não existia. Conhecíamos as células e tínhamos a impressão de que tudo se passava na massa gelatinosa que existe dentro delas, o protoplasma. Depois, descobrimos a proteína e a importância dos hormônios. Com isso, a visão sobre os seres vivos mudou e houve um grande progresso na segunda metade do século, com o nascimento da biologia molecular, que procura explicar as propriedades dos seres pela estrutura e pelas interações das moléculas que os compõem – nós antigamente só sabíamos falar da “força vital”...

BM: Qual a maior descoberta da biologia molecular?

JACOB: A maior delas foi o famoso DNA, que é o portador da herança genética. Inúmeros sucessos da biologia molecular se devem ao trabalho com as bactérias. Já nos anos 30, os biólogos perceberam que todos os organismos eram feitos das mesmas moléculas, porém demorou até passarmos das bactérias para os organismos mais desenvolvidos. O DNA do homem é mil vezes mais complexo do que o da bactéria. A passagem só pôde ser feita no momento em que aprendemos a manipular o DNA dos organismos mais desenvolvidos. Nos anos 70, conseguimos isolar os genes, reproduzir a estrutura dos genes de qualquer organismo e transferi-los de um organismo para outro.

BM: Como foi descoberto o sistema de regulação da atividade dos genes, o achado que valeu ao senhor o Prêmio Nobel?

JACOB: Trabalhei no começo com os bacteriófagos – os vírus das bactérias – e com a síntese de proteína. Verificamos que existia um vírus que permanecia no interior da bactéria sem se manifestar, mas que em certas condições podia ser ativado e matar a bactéria. Por outro lado, verificamos que a síntese da proteína resultava da colocação de

certos produtos no meio de cultura. Percebemos depois que as mesmas leis vigoravam nos dois casos e tudo dependia de um sistema de regulação que tanto podia bloquear a atividade de um gene quanto desbloqueá-la, deixando-o se manifestar. Era a prova da existência de sistemas de regulação da atividade do gene.

A mutação dos genes na origem do câncer

BM: Como se chegou à ideia de que a mutação dos genes pode levar a um câncer?

JACOB: Começamos a compreender o câncer há apenas alguns anos. Sabíamos que é uma doença do sistema de regulação. Uma bactéria é uma célula isolada que se multiplica independentemente. Já uma célula humana – seja ela da pele, do fígado ou do pulmão – sabe que faz parte de um órgão, de um organismo, e que portanto não deve se multiplicar de qualquer maneira. A célula sabe, porque há sistemas que a informam – os sistemas reguladores. Consequentemente, a célula é mantida numa ordem precisa, que é a do corpo. De tempos em tempos, esses sistemas se alteram. Foi o que mostramos através das bactérias. Observando as suas muta-

ções, pudemos estudar os sistemas e formular a hipótese de que era a alteração dos sistemas que estava na base do câncer. Agora, já está provada a existência de sistemas constituídos de certo número de genes que regulam a expressão celular, ou seja, agenciam a divisão da célula e a sua diferenciação – o processo que faz com que uma célula venha a ser da pele, por exemplo, ou do fígado. Passamos a conhecer os genes que estão implicados na divisão celular e a compreender como a mutação deles pode levar a um câncer.

BM: O que faz o sistema se desregular?

JACOB: Desregula-se por uma mutação, cuja causa é desconhecida ou conhecida, como no caso da ação dos raios ultravioleta sobre a pele. Os raios quebram os genes que regulam a divisão celular e provocam uma lesão em que a divisão é anárquica.

A genética preditiva

BM: Através da genética, é possível saber se o indivíduo vai ou não ter uma determinada doença. Seria possível falar dos principais achados da genética preditiva?

JACOB: Há casos em que, olhando os genes de um recém-nascido, chegamos a prever a incidência de uma doença grave que ocorrerá por volta dos 40 anos, a doença de Huntington ⁽³⁴⁾, por exemplo. Há outros em que podemos afirmar que há maior ou menor possibilidade de o indivíduo ter uma determinada doença. Examinando os genes do senhor X e do senhor Y, podemos afirmar que, se o primeiro tiver um câncer, este não será do pulmão, mas da próstata. Se o segundo tiver um câncer, este não será da próstata, e sim do pulmão. Ou seja, há casos em que nos é dado ter certeza da doença. Outros em que nos limitamos a prever a sua possibilidade.

BM: Quais os problemas éticos implícitos na genética preditiva?

JACOB: O assunto é muito complicado. O fato de sabermos que um dia vamos morrer é difícil de suportar, mas o que torna a morte suportável é que a gente não sabe quando ela vai ocorrer. Há um filme de René Clair que se chama *Aconteceu amanhã*. Trata-se da história de um sujeito que encontrou um fantasma, foi gentil com ele e passou a receber todas as noites do fantasma o jornal do dia seguinte. Com isso, podia jogar na bolsa e ganhar, apostar no cavalo certo etc. Vida boa, até que um dia lê no jornal o anúncio

da sua morte. Fica desesperado, tenta não passar pelo lugar onde vai ser acidentado, porém não consegue. O acidente é horrível; só que o sujeito não morre, porque interessava ao cineasta mostrar que os jornais também mentem etcétera e tal...

BM: Voltando à questão ética...

JACOB: A questão é saber se a gente deve ou não fazer a pesquisa genética, que só tem interesse quando existe uma solução terapêutica. No caso da doença de Huntington, por exemplo, não se pode fazer nada pelo indivíduo. De que adianta fazer a pesquisa? É válido se perguntar se as informações que concernem ao indivíduo devem ou não ser transmitidas a ele.

BM: A gente tem o direito de não transmitir a informação? Freud afirmou peremptoriamente que ninguém tinha o direito de não lhe dizer que estava com câncer...

JACOB: Mas com que direito a gente diz? Os padres e os filósofos precisam discutir longamente essa questão... É legítimo se perguntar se o médico deve informar o doente ou a família. Para evitar, por exemplo, que o doente tenha filhos. Isso tudo é complicado... E ao patrão dele, o que o médico deve informar?

Sexo aos 100 anos

BM: Quais as consequências das descobertas que a biologia fez no século XX e qual o papel dessa ciência no próximo século?

JACOB: A ciência é feita para produzir conhecimento antes de produzir as aplicações do conhecimento. Para obter dinheiro, os cientistas afirmam que vão curar o câncer, quando o que de fato interessa a eles é saber por que o mundo é tal como é. O mundo é extraordinário. Por razões bastante simples, aliás. Pelo fato, por exemplo, de que é preciso ter dois para fazer um terceiro. Por que dois e não quatro ou cinco?

BM: O fato é que o conhecimento científico trouxe benefícios...

JACOB: Sim, a duração da vida aumentou. Acho no entanto que nunca seremos imortais...

BM: Felizmente.

JACOB: Pois é. Acredito que não ultrapassaremos os 100, 110 anos. Mas é possível que aos 90 anos já não tenhamos mais dor em todo lugar do corpo e que aos 100 possamos

fazer sexo como aos 20. Vamos ter uma vida mais longa e mais agradável, porque dominaremos um número maior de doenças. Verdade que outras novas vão aparecer. Por isso, aliás, não podemos prever o futuro. Sabemos que as coisas vão mudar, porém não sabemos exatamente como. Por acaso alguém pensou na Aids antes de a doença aparecer? E precisamente porque não há como prever; no próximo milênio a pesquisa científica continuará a ser uma boa profissão.

A COMUNICAÇÃO

DOMINIQUE WOLTON

Nasceu em 1947 e trabalha em Paris no CNRS – Centre National de la Recherche Scientifique (Centro Nacional de Pesquisa Científica) ⁽⁶⁸⁾, no qual dirige o Laboratório de Comunicação e Política e a revista *Hermès*, que é referência internacional na área de mídia. Depois de ter estudado a mudança dos costumes e da vida cotidiana em *A nova ordem sexual* (1974), tornou-se coautor de *Os desgastes do progresso: os trabalhadores diante da mudança* (1977) e de *As redes pensantes: telecomunicação e sociedade* (1978). Desde então, publicou outros livros, dentre os quais *Internet, e depois?*, *A última utopia*, *É preciso salvar a comunicação*, *Pensar a comunicação* e *O elogio do grande público* (1990), seu trabalho mais conhecido no Brasil, onde costuma fazer palestras e participar de seminários.

Betty Milan: Gostaria que o senhor falasse das principais mudanças introduzidas pela comunicação no decorrer do século XX.

Dominique Wolton: A comunicação é indissociável do movimento de emancipação dos indivíduos, da liberdade de consciência, da liberdade de expressão: não existe democracia sem liberdade de informação e de comunicação. Existem portanto dois movimentos paralelos – um de ordem cultural e outro de ordem política. O interessante é analisar como esses dois movimentos se articularam na democracia de massa. Não podemos pensar na emancipação do Ocidente sem pensar no rádio e na televisão. Sou um dos raros pesquisadores favoráveis à comunicação de massa por considerar que está associada à democracia. A crítica que faço aos intelectuais é que eles são pela democracia de massa, mas paradoxalmente desprezam o rádio e a televisão.

BM: O senhor não acha que o desprezo está ligado ao fato de que não sabem fazer uso dos meios de comunicação de massa?

WOLTON: Essa é a tese otimista. Acho que as elites são sobretudo elitistas e se sentiram despossuídas pelo rádio e pela televisão. Acharam que a cultura de massa ia colocar em questão a cultura do livro, o que não é verdade. Cada

uma dessas culturas desempenha um papel. O desafio é ligar a democracia de massa com a comunicação de massa. Nós precisamos nos perguntar quais são as informações, os divertimentos, os jogos, a cultura que devemos dar às pessoas para que elas se sintam simultaneamente consumidoras, cidadãs, membros de uma coletividade nacional...

BM: Foi exatamente o que aconteceu durante a Copa do Mundo de 1998, na França.

WOLTON: Claro. A função principal da mídia é estabelecer o laço social. É graças a ela que as pessoas têm o sentimento de pertencer a uma comunidade nacional. Quando as pessoas escutam o rádio ou veem televisão, há uma comunhão entre elas. Isso vale tanto para os grandes eventos esportivos e religiosos – os deslocamentos do papa, que têm uma audiência enorme – quanto para os grandes eventos sociais – milhares de pessoas assistiram ao enterro da princesa Diana em 1997.

BM: Não fosse a comunicação, a mensagem de Diana, que era tão importante, não teria sido transmitida.

WOLTON: O interessante é que Diana favoreceu muitas identificações contraditórias e complementares. Acho que a força da democracia está nisso. Ninguém foi obrigado a

assistir ao enterro dela, isso foi inteiramente espontâneo, porque as pessoas a amavam. E o fato de amar Diana não quer dizer que sejamos idiotas, quer dizer que ela era um símbolo da sociedade moderna: bela, jovem, aristocrática, frágil e forte, tradicional e moderna, sempre em ruptura com a ordem estabelecida, revoltada e sentimental... Ela contava pelas contradições, pela sua dimensão humana, e não pela publicidade.

BM: Numa de suas últimas entrevistas, o escritor alemão Ernest Junger disse que nós vivemos uma revolução semelhante à que Platão viveu, mas no sentido contrário. Platão assistiu à passagem de uma cultura oral, a da Grécia antiga, para uma cultura escrita. Hoje, com a importância do audiovisual, a escrita tende a estilizar a oralidade. Acho que, sem essa estilização, a escrita está condenada à morte. O senhor, o que pensa disso?

WOLTON: Eu não acredito que o audiovisual possa ameaçar gravemente o estatuto da escrita. Verdade que a influência da internet vai generalizar uma escrita quase tão fácil quanto a linguagem audiovisual. As pessoas veem nisso um progresso – eu já não estou tão convencido, porque a força da escrita está na sua dificuldade. Tanto no que diz respeito ao ato de escrever quanto ao de ler. Paradoxalmente, a internet vai

valorizar a verdadeira escrita. As pessoas vão se dar conta de que a escrita existente num livro é de uma natureza diferente, porque implica a dificuldade.

BM: Isso significa que há uma razão masoquista para ler?

WOLTON: Masoquista não. Trata-se do gosto pelo esforço, pelo exercício impossível da expressão de si. Na escrita, há sempre uma frustração. Ou porque a gente não escreve exatamente o que queria, ou porque o receptor não lê o que a gente desejava que ele lesse, e sim outra coisa. Nisso está a riqueza da comunicação.

BM: É possível mesmo que a gente leia para poder ler outra coisa, inventar o que está no texto. A escrita afinal permite mais invenção do que a imagem...

WOLTON: Claro, se existe uma hermenêutica, é por isso. A interpretação da *Bíblia* já dura dois mil anos. Isso quer dizer que os pequenos textos do *Velho Testamento* são de uma riqueza infinita... O imaginário do homem se inscreve no texto e o reinterpreta.

BM: A manipulação da informação moderna supõe um conjunto de mecanismos de aprendizagem complexa e de adaptação rápida e não está ao alcance de todos. Por isso

mesmo, pode criar um conflito violento na sociedade, pode engendrar grandes tensões. Como o senhor vê isso?

WOLTON: As desigualdades sociais reaparecem na comunicação. Por isso, sou favorável à mídia de massa, porque aí a mesma mensagem é enviada a todo mundo. Isso não basta para chegar a uma igualdade social, mas tem a vantagem de fazer que todos participem da mesma coisa. Por isso, temo, na evolução dos sistemas audiovisuais, a tendência a considerar que o rádio e a televisão são meios de categoria inferior e que todos os programas interessantes deveriam aparecer na mídia temática ⁽⁶⁹⁾. Isso é perigoso, porque tudo o que é cultural não será mostrado ao povo. Então, teremos um sistema de comunicação com duas velocidades – uma para os pobres e outra para os ricos. A história do rádio e da televisão até agora felizmente evitou isso. O que interessa é justamente o leque de programas. Há, por exemplo, sessenta programas numa semana, você só está interessado em dez, mas os outros cinquenta existem e têm tanta legitimidade quanto os que você quer ver. O interesse de um jornal é que a gente tem tudo no mesmo dia. O leitor está interessado só no esporte, mas, de repente, descobre outra coisa, porque ela está no jornal. É preciso dar o máximo de informação a todo o mundo e cada um que leia o que quiser. A desigualdade aumentaria amanhã se a gente de-

cidisse que para o povo será só crime e sexo e para a elite, economia, política, religião...

A aldeia global

BM: Fala-se muito em aldeia global. O senhor acha que ela existe? Pergunto isso porque os valores de um chinês, de um brasileiro, de um esquimó são diferentes, e a mensagem, sendo decodificada a partir de códigos diferentes, não pode ser compreendida da mesma maneira. A cultura chinesa não interpreta da mesma forma que a brasileira ou a esquimó...

WOLTON: A questão é perfeita e a resposta está nela. Existe uma aldeia global do ponto de vista técnico, mas do ponto de vista da recepção a diversidade é extraordinária, e isso significa que pode acontecer o inverso do que a comunicação pretende. O objetivo dela é aproximar as pessoas. E daí o que acontece? Quando elas se aproximam, percebem que existem mais diferenças entre elas do que semelhanças. A dificuldade da comunicação não é gerir a semelhança, mas a diferença. A questão é saber a que distância devo me manter de alguém que é diferente de mim para não entrar em conflito. Ora, na aldeia global, vamos

nos tornar progressivamente mais visíveis uns para os outros, e essa visibilidade não vai mostrar mais semelhança, ela vai mostrar mais diferença. Aí, vamos deparar com um problema político, vamos ter que evitar o ódio suscitado pela aproximação.

O imperialismo americano

BM: Os Estados Unidos difundem, sob todas as formas possíveis, a sua retórica, os seus comportamentos, os seus problemas, a sua violência compulsiva... Como um buraco negro, eles absorvem as grandes culturas da civilização ocidental e liberam uma energia caótica nos domínios cultural e moral. Isso tudo através dos meios de comunicação de massa. Como se opor a esse poder?

WOLTON: A comunicação é o problema mais sério do próximo século. A questão toda é a regulamentação. Os americanos dizem que é preciso desregulamentar. Querem isso para difundir livremente a cultura americana. Ora, a resistência das identidades nacionais é fundamental. A Europa reivindica a “exceção cultural”, a revalorização do direito autoral, a regulamentação das indústrias, a preservação do

serviço público. O risco de que a Europa perca a sua identidade não existe, porque a Europa é muito mais antiga do que os Estados Unidos, mas a dominação pode ocorrer. O risco não é grave para a Europa, mas o é para as outras áreas culturais do mundo, a África, a Ásia, a América Latina, que têm menos recursos técnicos e culturais para resistir.

A Europa no mundo da mídia

BM: As grandes civilizações – chinesa, indiana, muçulmana – não estão ameaçadas no que diz respeito à perda da identidade cultural, por causa da tradição, da demografia e da proteção linguística (chinês, indiano e árabe). A Europa parece estar mais sujeita à descaracterização do que a Ásia. O que o senhor acha disso?

WOLTON: A força da globalização é tal que mesmo as grandes civilizações estão ameaçadas. São as mesmas mensagens audiovisuais que circulam.

BM: Mais ameaçadas do que a Europa?

WOLTON: Sim, porque nós, europeus, somos pequenos, mas temos dez línguas. Portanto, o problema da comuni-

cação e das diferenças culturais, nós conhecemos. Não nos entendemos mesmo entre nós. A gente se entende para fazer a Europa econômica. Agora, para chegar à Europa política, é muito difícil. E será ainda mais difícil chegar à Europa cultural. Acho que a batalha da Europa contra os Estados Unidos vai ser útil para o mundo inteiro.

BM: Mas a Europa pode se tornar presa dos Estados Unidos por causa da sua riqueza material...

WOLTON: É bem por isso que os Estados Unidos querem ter a mão posta sobre a Europa. Porque, para a indústria da comunicação americana, nós somos o primeiro mercado do mundo: 360 milhões de habitantes com alto nível de vida e bom nível cultural perfazem um mercado importante. Quanto mais rapidamente obrigarmos os americanos a aceitar as identidades das outras culturas, mais rapidamente salvuaguardaremos a possibilidade de uma comunidade internacional respeitosa das diferenças.

O Brasil no mundo da mídia

BM: E o senhor acha que o Brasil pode desempenhar

um papel importante nessa batalha contra a dominação americana?

WOLTON: Essencial. Vou dizer por quê. Vocês são numerosos, são multirraciais, têm uma inteligência extraordinária da comunicação. Na América Latina, o Brasil equivale à Europa. A Globo é uma televisão privada que se comporta como uma televisão pública, porque há uma espécie de responsabilidade coletiva. A TV Globo alcança públicos de todos os níveis, e isso é muito difícil. Há uma incrível inteligência acumulada no Brasil, onde há índios, negros, árabes, europeus...

BM: Como o senhor explica o fenômeno Paulo Coelho?

WOLTON: Acho que a mistura que ele faz é constitutiva de uma nova identidade.

BM: Existe o fenômeno Paulo Coelho e há o da música popular brasileira, que atingiram o mundo inteiro.

WOLTON: Sim, pela sensualidade, doçura, vitalidade, ambiguidade...

BM: A ambiguidade é um valor essencial na comunicação?

WOLTON: Acho que sim, porque ela permite as identificações.

O futuro

BM: Antigamente, a informação circulava de maneira orientada e seletiva. Ela hoje circula aleatoriamente. Podemos ter acesso a mensagens oriundas de todos os pontos do mundo a qualquer momento. Quais serão, na sua opinião, as consequências desse fato no novo milênio, tanto na organização das sociedades quanto na vida das pessoas?

WOLTON: Primeiro, quero fazer publicamente um cumprimento a você. Suas questões são muito bem construídas, denotam uma grande cultura... E agora volto à pergunta. Uma informação é o resultado do trabalho de um ser humano, de um jornalista, que, diante da desordem do mundo, decide reter uma ou outra informação. O trabalho do jornalista é um trabalho fundamental, que dá a dimensão humana da comunicação. O fato de podermos hoje obter informações que nos vêm do fim do mundo é o prodígio da técnica. Mas não é o banco de dados – acessível por satélite ou por internet – que vai fazer a revolução. Esta é produto do trabalho de quem filtra os dados. Vou dar um exemplo. Todas as manhãs, a Comissão Europeia dá uma entrevista coletiva para todos os correspondentes dos países da União

Europeia radicados em Bruxelas. É a mesma mensagem. Só que os diferentes correspondentes a recodificam em função do seu público, ou seja, não existe uma informação mundial, o que existe é uma informação mediatizada por uma cultura nacional, por um homem ou por uma mulher.